

Tempo II - 2000 A 2009 - Dimensões de análise do sagrado **NEPEC: lugar onde fluem as ideias e se escreve sobre elas**

Zeny Rosendahl

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ROSENDAHL, Z. NEPEC: lugar onde fluem as ideias e se escreve sobre elas. In: *Uma procissão na geografia* (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 115-135. ISBN 978-85-7511-501-5. Available from: doi: [10.7476/9788575115015.0007](https://doi.org/10.7476/9788575115015.0007). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/wy7ft/epub/rosendahl-9788575115015.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

TEMPO II

2000 A 2009
DIMENSÕES DE ANÁLISE DO SAGRADO



NEPEC: LUGAR ONDE FLUEM AS IDEIAS E SE ESCREVE SOBRE ELAS¹

A conferência, apresentada em outubro de 2008, no VI Simpósio Nacional e II Internacional sobre Espaço e Cultura (VI SNEC/II SIEC) abordará os desafios e sucessos obtidos nesses 15 anos de atividades. O NEPEC nasceu no Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, em outubro de 1993, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com o objetivo de resgatar uma tradição geográfica que privilegia a cultura e suas relações com o espaço, além de contribuir para seu avanço. Ressalta-se, hoje, que o entendimento do espaço não passa apenas pelas reflexões das leis econômicas, da política e dos conflitos de classe, mas também pela ideia de que a cultura tem uma dimensão espacial e temporal, manifestando-se de modo material e imaterial. A contribuição inicial do núcleo em inserir a geografia cultural no Brasil ocorreu em três eixos temáticos de investigação: espaço e religião; espaço e cultura popular; e espaço e simbolismo. Este texto está dividido em duas partes. Na primeira, examinaremos o contexto em que a geogra-

¹ Versão revisada e não atualizada, publicada originalmente no periódico *Espaço e Cultura*, n. 33, pp. 13-26, jan.-jun. 2013.

fia cultural emerge no Brasil. Na segunda, será avaliada a produção do conhecimento científico pelo NEPEC.

É necessário dizer que a geografia no Brasil, na década de 1980, esteve excessivamente influenciada pelo materialismo histórico e dialético apreendido, em muitos casos, de forma superficial e com equívocos. A cultura poderia ser deixada de lado, pois era concebida por muitos como superestrutura, determinada pela base econômica, esta sim devendo ser estudada, assim como os conflitos advindos das relações de produção (Claval, 2003).

Após 1980, surgem novas reflexões, e transformações ocorrem. A geografia cultural é renovada e reconfigurada a partir de diversas matrizes, em que as principais são: Jackson (1989), Cosgrove (1998), Cosgrove e Jackson (2003). A cultura passa a ser considerada contexto, ou seja, um reflexo da prática social e, simultaneamente, um meio no qual essa prática se efetiva e uma condição na qual essa mesma prática tende a se reproduzir. A visão da cultura, hoje, é uma construção social, constituída e reconstruída, constituinte e reconstituente, porém vivida diferenciadamente pelos diversos grupos sociais, resultante de uma combinação de traços relativos a classe, gênero, idade, etnia e religião. Fala-se em diversidade cultural (Williams, 2003 e Geertz, 1989). A distinção entre a cultura-contexto supraorgânica e a cultura-contexto separa, em princípio, a geografia

cultural saueriana e a geografia cultural renovada (Hoefle, 1998).

Há mudanças oriundas do pensar o conhecimento a partir da década de 1970 no meio científico, não sendo específicas à geografia cultural (Capel, 1981, Livingstone, 1992 e Gomes, 1996). Tais ideias ocorreram na diversidade metodológica, teórica e temática do conhecimento. A geografia cultural renovada assimilou esses aspectos, como também se beneficiou dos adeptos do marxismo, da fenomenologia, da hermenêutica, das ciências sociais e humanidades. A geografia cultural tornou-se plural, constituindo-se, segundo Duncan (2000), em uma heterotopia. Myers et al. (2003) assinalam que, em relação aos Estados Unidos, a geografia cultural, a partir dos anos 1990, apresenta três perspectivas: humanística, marxista e pós-estruturalista. Para alguns autores, elas se interpenetram. Esse é o pensamento inglês sobre geografia cultural.

Na França, os geógrafos possuem sua reflexão na diversidade da geografia cultural renovada. Tal pensamento inclui a denominada abordagem cultural em geografia, elaborada pelos geógrafos franceses e liderada por Paul Claval. Essa abordagem incorpora em suas reflexões a tradição vidalina na relação espaço e cultura, conforme apontam Corrêa e Rosendahl (2002) e Claval (2003).

Nesta primeira parte do texto, coloca-se o modo pelo qual ideias elaboradas num determinado local, num determinado tempo por um determinado grupo social se

convergem, com aceitação ou não, em novos modos de pensar e de fazer ciência.

O geógrafo David Livingstone (1992) propõe a discussão do papel do local na produção do conhecimento científico. Introduce a ideia de que a localização afeta substancialmente o conteúdo da ciência, sua produção, sua circulação e seu acesso; também acrescenta que o conhecimento é estimulado por demandas e desejos tempo-espaciais. Em harmonia com as reflexões de Livingstone (1992), reconhecemos o NEPEC como local onde fluem as ideias e se escreve sobre elas. Tornam-se argumentos fundamentais segundo os quais o conhecimento é sempre o conhecimento de algo que alguém intencionalmente tomou como centro de suas atenções. Essa intencionalidade é o elemento que amarra o conhecimento ao seu contexto, pois os interesses e os propósitos de um pesquisador ao realizar sua pesquisa são compreendidos dentro do cenário histórico, político, social e simbólico no qual o pesquisador vive.

O desenvolvimento de um campo do conhecimento científico se dá de modo contextualizado, inserido em contexto duplamente escalar. Primeiramente, encontra-se inserido no movimento da ciência, em particular no subcampo a que o investigador se dedica. Trata-se do contexto externo. A este se acrescenta, em outra escala, o contexto interno ou local, para o qual o processo e as características gerais migram do externo e são apropriados por pessoas que reúnem curiosidade, imaginação e empreendedoris-

mo para absorver e, eventualmente, reelaborar um conhecimento novo ou julgado como tal (Barnes, 2004). Caminhemos neste campo do conhecimento científico: o contexto externo nos remete às notas a respeito da geografia cultural relacionadas brevemente na apresentação deste texto. Alguns traços do contexto externo foram assinalados e retrabalhados por alguns geógrafos brasileiros. O que alimenta a história das ideias que compõem a geografia cultural no Brasil é reconhecer as estruturas que permitiram as relações entre as pessoas, seus lugares, sua interpretação e visões de mundo; destacamos os eventos, as instituições, os discursos e outros traços particulares dos pesquisadores envolvidos. Em sua segunda metade, na década de 1980, no Brasil e no campo da geografia, as ideias e reflexões caracterizavam-se pelo predomínio de uma visão calcada em uma perspectiva crítica. Dois eventos acadêmicos independentes ocorreram; estes, no começo dos anos 1990 – em 1989 –, convergiram para a criação das estruturas construtivas necessárias à prática da geografia cultural.

Primeiramente, o geógrafo da UFRJ Roberto Lobato Corrêa, publica na *Revista Brasileira de Geografia* (IBGE) o artigo “Carl Sauer e a geografia cultural”, uma análise dedicada à obra do fundador da geografia cultural norte-americana. No mesmo contexto independente, espaço e cultura representam o temário de investigação da geógrafa Zeny Rosendahl, da UERJ, que ingressa na USP para iniciar seu doutoramento. O tema de investigação é a religião e sua organização

espacial. Ela prioriza o centro de peregrinação de Porto das Caixas, localizado na periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro. Defende sua tese em 1994, intitulada *Porto das Caixas: espaço sagrado da Baixada Fluminense* (Rosendahl, 1994).

A convergência dos dois eventos é estimulante a partir da co-orientação – por sugestão da geógrafa Maria Cecília França, da USP – de Roberto Lobato Corrêa à doutoranda Zeny Rosendahl. Nesse contexto, os interesses e propósitos da geografia cultural eram conduzidos por ambos. Em outubro de 1993, é criado por Zeny Rosendahl, com a colaboração de Roberto Lobato Corrêa, um núcleo que deveria ser o centro de pesquisa sobre espaço e cultura. Esse local é o NEPEC, sediado no Instituto de Geografia da UERJ. Essa instituição, em que Zeny Rosendahl trabalha desde 1980, permitiu a infraestrutura física e econômica do desenvolvimento do processo de produção do conhecimento científico geográfico.

Desde 1993 até a realização do VI SNEC, em 2008, contribuindo para a dimensão do papel do local na produção do conhecimento científico, o NEPEC tem uma linha editorial construída por três séries de publicações: o periódico *Espaço e Cultura*, que é editado desde 1995 com números impressos e/ou eletrônicos; a coleção de livros Geografia Cultural, que é editada pela EdUERJ desde 1996 e já conta com 15 volumes; e a série de texto NEPEC, que foi iniciada em 2003 e tem três números editados. As duas primeiras publicações destinam-se

à divulgação de textos teórico-conceituais, clássicos ou não, trabalhos apresentados nos seis simpósios organizados; a terceira – textos NEPEC – divulga pesquisas efetivas pelos membros do grupo de pesquisa NEPEC em Rede, sendo de circulação limitada, com cem exemplares.

Acrescentam-se outros eventos independentes que ocorreram na década de 1990, mas nem todos geraram convergências capazes de estabelecer uma progressiva e forte geografia cultural. Entre esses eventos, menciona-se aquele associado à geógrafa Maria Geralda de Almeida, que publicou um artigo sobre a geografia cultural francesa (Almeida, 1993). A eles se associa também a publicação do primeiro estudo sobre monumentos, política e espaço (Diniz Filho, 1992).

A história das ideias que compõem a geografia cultural no Brasil importa-se com traços particulares que distinguem os geógrafos de praticantes de outras ciências, assim como os alimentam. Citam-se as ideias inovadoras contidas na dissertação do geógrafo João Baptista Ferreira de Mello, defendida em 1991, no âmbito da geografia humanística. Tal evento poderia ser isolado, mas foi orientado por Roberto Lobato Corrêa. Adicionalmente, na primeira metade de 1990, João Baptista Ferreira de Mello torna-se docente da UERJ, sendo um dos professores-membros do NEPEC. As experiências se originam nesse núcleo, marcando uma coesão de conhecimentos produzidos.

A geógrafa Aureanice de Mello Corrêa ingressa na vida acadêmica na UERJ, na geografia humana, e inicia sua participação no NEPEC em 1996. Adota modos de interpretação e visões de mundo da geografia cultural. Inaugura seu tema, a cultura afro-brasileira e sua manifestação, estudando a Irmandade da Boa Morte, localizada na cidade de Cachoeira (BA). Recentemente, o geógrafo André Reyes Novaes percorreu caminho semelhante ao ingressar na vida acadêmica, na geografia humana, e participar das reuniões de pesquisas do NEPEC.

O NEPEC/UERJ afirma-se como lugar de convergência. A história da vida não se comporta somente pelos fatos, pelos comportamentos, incluindo os sentimentos, os desejos, as antipatias e pensamentos contrários que completam o lugar do saber institucional da academia. As relações vão além de pesquisadores-cientistas.

O NEPEC é um lugar “sagrado”!

Professor João Baptista Ferreira de Mello.

O NEPEC é um lugar de cidadania e socialização!

Professora Aureanice de Mello Corrêa.

Sou professor participante do NEPEC!

Professor Miguel Ângelo Ribeiro.

Eu não fiz universidade, eu fiz NEPEC!

Mariana Lamego- bolsista do NEPEC por seis anos.

O NEPEC é o meu lugar!

Adriana Pires Marcial, bolsista do NEPEC, mestre em Geografia Cultural.

Neste encontro de comemoração dos 15 anos do NEPEC, sementes do pensar espalharam-se. Há outros núcleos de pesquisa e estudo da geografia em sua abordagem cultural criados no início do século XXI; temos em Uberlândia (MG), Curitiba (PR), UNESP (Rio Claro-SP), Fortaleza (CE) e Recife (PE), atestando a difusão da geografia cultural no Brasil. Seus professores-criadores participam de atividades no NEPEC e estruturam suas pesquisas na condução de modos de interpretação e visões de mundo, afirmando, de forma positiva, a historiografia da produção do conhecimento geográfico em geografia cultural no Brasil.

O NEPEC é um núcleo aberto. Os temas e as teorias imigrantes são múltiplos. A influência local da própria investigação demonstrou e vem demonstrando a aceitação de diversos cientistas. Não há o culto a personalidade de um determinado pensador, o que favorece o fator agregador da pluralidade temática em espaço e cultura. Outros eventos independentes ocorreram e geraram convergência. Autores de monografias, de dissertação e de teses tornam-se ativos participantes dos simpósios organizados pelo NEPEC. A produção brasileira será relembrada a seguir, na segunda parte deste artigo.

A produção brasileira de geografia cultural passou, a partir de 1995, por um forte e significativo aumento. Dissertações, teses, conferências, artigos publicados em coletâneas e periódicos, assim como editados em CDs, compõem um acervo crescente. Seis simpósios organizados pelo NEPEC foram realizados no Rio de Janeiro de 1998 a 2008, a cada dois anos, e dois deles tiveram âmbito internacional. O Simpósio Internacional sobre a Dimensão Histórica da Cultura, realizado no Rio de Janeiro em 2003 sob os auspícios da União Geográfica Internacional, e outros eventos realizados nas cidades de Curitiba e Salvador pelo Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER), em Goiânia e Manaus, evidenciam a difusão da geografia cultural no Brasil.

Essa produção crescente significa a adoção, por parte de inúmeros geógrafos, à geografia cultural. Tal adoção, por um lado, teve de sobrepujar pré-conceitos e o temor de um subcampo novo desafiar as estruturas de poder acadêmico. Por outro, resulta dos estímulos oferecidos pelas instituições de fomento à pesquisa, que premiam a produção por meio de critérios quantitativos de avaliação. Essa política atinge todos os campos da ciência. A abordagem sociológica sobre a produção do conhecimento geográfico, o desenho da geografia cultural no Brasil difundem-se num desempenho aca-

dêmico entre preconceito/temor e estímulo produtivista.

Em 1995, é publicado no NEPEC o primeiro número do periódico especializado na dimensão cultural do espaço. A revista *Espaço e Cultura*, brasileira, posiciona-se ao lado dos periódicos existentes no meio acadêmico internacional: *Géographie et Cultures*, fundado em 1992 na França por iniciativa do professor Paul Claval; e a revista inglesa *Ecumene*, criada pelo geógrafo Denis Cosgrove em 1994. Ambos os professores, Paul Claval e Denis Cosgrove, participaram do I Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura, em 1998, na UERJ.

A produção brasileira caracteriza-se pela diversidade de temas pesquisados. As referências teórico-metodológicas abarcam diferentes interpretações. Numa primeira estrutura classificatória de temas e pessoas, deseja-se introduzir não apenas a ideia de que a localização afeta substancialmente o conteúdo da ciência geográfica, mas também uma provocação para futuros estudos. A interpretação tendo o indivíduo como foco de análise, uma psicologia da geografia que privilegia a dimensão comportamental, ainda é pouquíssimo explorada na geografia, que tenta compreender o modo pelo qual os geógrafos adotaram ou adotam modos de interpretação ou visão de mundo (Lamego, 2004).

Foram selecionados 134 textos, distribuídos apenas em consulta à produção de autores brasileiros ou que residem no Brasil. Os temas resultam de uma interpretação

dos diferentes assuntos abordados. Houve alguns agrupamentos de assuntos próximos, originando um único tema, a exemplo de literatura e música, história da geografia cultural e bibliografias de importantes geógrafos estrangeiros. Por outro lado, só consideraram proposições teóricas aqueles textos que propuseram novos conceitos e caminhos de interpretação. O tema paisagem possui uma diversidade de abordagens por uma dezena de autores, não apenas uma continuidade por parte deles. Alguns artigos poderiam ser enquadrados em dois ou mais temas, optando por aqueles que nos pareçam mais próximos. Foi elaborado o quadro a seguir, que representa uma interpretação e, como tal, está aberta a outras análises.

QUADRO 1 – TEMAS ABORDADOS PELOS
GEÓGRAFOS BRASILEIROS

| Temas | Número de textos | Autores |
|--------------------|------------------|---|
| Economia e cultura | 2 | Pires do Rio (2001, 2003) |
| Espaço público | 3 | Gomes, P.C (2001); Marcial (2006); Valverde (2006) |
| Festas | 15 | Bezerra (2007); Corrêa, A. (2003, 2005); Felipe (2007); Fernandes (2003); Ferracini e Maia (2006); Ferreira (2000, 2003); Katrib (2006); Maia (1999, 2001, 2004); Ramagen (1997); Saraiva e Silva (2008); Silveira (2006) |

| | | |
|------------------------|----|--|
| Formas simbólicas | 4 | Corrêa, R. (2005); Mello (2003, 2008); Silva, J. (2004). |
| Gênero e sexualidade | 2 | Silva, J. (2005, 2008) |
| Grupos étnicos | 5 | Barbosa (2003); Oliveira (2007); Póvoa (2008); Ratts (2004); Souza, J. (2007) |
| História e biografia | 16 | Corrêa, R. (1997a, 1997b, 1999, 2001); Gomes, P.C. (1999); Hoefle (1999, 2002); Holzer (1997, 2001, 2004, 2005); Mello (2001, 2005); Seemann (2000, 2004, 2005) |
| Identidade territorial | 9 | Câmara (2005); Costa, B. (2005); Haesbaert (1999, 2001); Pantoja e Maues (2008); Ramagen (1998); Souza, J. (2006); Souza, M. (2001); Yázigi (2001) |
| Imagens | 7 | Barbosa e Corrêa, A. (2001); Costa, M. H. (2002, 2005); Daou (2011); Myancki (2008); Novaes (2008); Santos, A. (2008) |
| Imaginário espacial | 9 | Almeida (1998, 2004); Barbosa (1998); Bueno (2007); Castro (2001); Coriolano (2001); Geiger (2001); Hoefle (1996); Silva, M. (2001) |
| Literatura e música | 11 | Barcellos (2006); Barros (2000); Bastos (1998); Cardoso (2008); Guimarães (2008); Haesbaert (1997); Mesquita (1997); Monteiro (1998); Silva, A. (2008); Vilanova Neta (2004, 2008) |

| | | |
|--------------------|----|---|
| Paisagem cultural | 10 | Cabral e Buss (2002); Costa, O. (2003); Gomes, E. (2001); Gomes, P.C. (2001); Holzer (2008); Luchiari (2001); Melo, V. (2001); Risso (2007); Romancini (2005); Silva, T. (2008) |
| Reflexões teóricas | 9 | Gil Filho (2005); Gomes, P. C. (1998, 2005, 2008); Holzer (1999); Rosendahl (1995, 1996a, 2003, 2008) |
| Região cultural | 2 | Corrêa, R. (2008); Rosendahl e Corrêa, R. (2000) |
| Religião | 23 | Andrade (2006); Barbosa de Jesus (2001a, 2001b, 2006); Cardoso, K. (2006); Castro (2008); Corrêa, M. (2006); Costa, A. (2001); Gil Filho e Gil (2001); Gil Filho (2008); Girão (2001); Lamego (2004); Machado (1997); Mattos (2001); Rosendahl (1996, 1999a, 1999b, 2001a, 2001b, 2005); Sahr (2001); Vasconcellos, R. (2001); Vasconcelos (1997) |
| Urbano | 6 | Castro e Antonio Filho (2006); Laitano (2004); Mello (1995); Oliveira, J.A. (2008); Piñon e Mizubuti (2008); Serpa (2007) |
| Outros | 1 | Mascarenhas (2005) |

Fonte: Rosendahl, 2013.

O propósito do quadro foi conhecer a história das ideias compreendidas dentro do NEPEC; ideias que fluem e sobre as quais se escreve no NEPEC. A intenção foi ressaltar a sucessão de conhecimentos produzidos, formando um estoque de conhecimento com

referência espaço-temporal. As experiências dos simpósios como vêm ocorrendo na UERJ, privilegiando temas novos, só poderão ser analisadas dentro do panorama histórico, político, social e emocional no qual vivem o NEPEC e seus pesquisadores.

O Quadro 1 permite múltiplas análises. Ao reconhecer a história das ideias elaboradas nesses 15 anos, o tema religião apresenta um número significativo dentro dos demais temas relacionados. Os estudos que estabelecem relações entre religião e espaço vêm sendo estimulados no Rio de Janeiro com o grupo de pesquisadores ligados ao núcleo da UERJ.

Os artigos representam exemplos do conjunto de temas que, em si, constituem a proposta elaborada e introduzida por Rosendahl (1994, 1996). Esses conjuntos temáticos aos quais nos referimos são compostos por quatro temas: fé, espaço e tempo-difusão e área de abrangência; centro de convergência e irradiação; religião, território e territorialidade; e lugar sagrado-vivência, percepção e simbolismo.

É importante ressaltar que os quatro temas propostos não são mutuamente excludentes entre si, pelo contrário, interpenetram-se. Assim, o primeiro tema que interessa aos geógrafos focaliza o estudo das principais crenças religiosas, suas origens, a difusão da fé no espaço e os agentes que desencadearam o espaço-temporalidade da religião. O geógrafo, como estudioso da religião, considera a dialética da relação entre religião e ambiente. Isaac (1959-60) e Büttner et al. (1985) argumentaram que é

necessário mostrar qual influência a religião tem sobre as pessoas, sua civilização, seus costumes, mas, por outro lado, devem ser mencionadas as influências externas que levam à modificação da religião considerada. A exposição da fé no tempo e no espaço em que ela ocorre é de fundamental importância para nós. O impacto da religião na paisagem não está limitado somente às características visíveis, como locais de culto, apesar de esses mostrarem mais claramente formas e funções religiosas, mas se estende à experiência da fé que símbolos e mensagens nos fornecem, alguns inteligíveis somente aos que comungam a mesma fé.

O segundo tema proposto reconhece a materialização do sagrado nas hierópolis ou cidades-santuário. O deslocamento de peregrinos em direção aos lugares sagrados envolve espaço e tempo. A peregrinação constitui um acontecimento notável, comum à maioria das religiões, inserindo-se em diferentes contextos culturais. Em relação à peregrinação, há, de acordo com as diversas religiões, um conjunto de símbolos que estão associados a uma experiência religiosa ou a uma concepção religiosa do mundo (Eliade, 1991). O uso específico de mitos e ritos que variam de cultura para cultura é o ponto que merece destaque nos estudos (Mauss, 1979).

No terceiro tema, a religião, por outro lado, pode ser examinada no contexto geográfico relacionado à apropriação de determinados segmentos do espaço. Os geógrafos da religião focalizam padrões espaciais que

refletem o controle das pessoas e coisas, grupos religiosos e instituições sobre territórios.

No quarto e último tema do conjunto, é possível ao geógrafo analisar a vivência e percepção do espaço e sua atribuição de significados religiosos. Eliade (1959, 1962) e Yi-Fu Tuan (1978) argumentam que o verdadeiro significado do sagrado vai além de imagens, templos e santuários, porque as experiências emocionais dos fenômenos sagrados são o que se destaca da rotina e do lugar-comum.

Há estudos realizados em monografias de conclusão de curso de graduação em geografia que não foram publicados, e não poderíamos deixar de mencioná-los. Citamos os seguintes títulos, de 1997: (a) *Espaço sagrado e espaço profano no Santuário de Nossa Senhora Aparecida*, de Luciana Corrêa (SP); (b) *A pastoral da Terra: poder, religião e cultura*, de Sandy Regina Cadete Barbosa de Jesus; (c) *Urbanização da Barra da Tijuca e a difusão religiosa das Igrejas: Católica Apostólica Romana, Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus*, de Madaí Chaves Figueiredo; (d) *O comércio dos bens simbólicos no Mercado de Madureira*, de Ilza da Cunha Lima.

Durante o ano de 1998, foram defendidas as monografias: (a) *Difusão da Igreja Batista no Rio de Janeiro*, de Marilze Mattos; (b) *Difusão e distribuição espacial dos templos messiânicos na cidade do Rio de Janeiro*, de Fátima de Araújo; (c) *(Re)conhecendo a rede de ensino metodista no Brasil: um olhar geográfico*, de Liliam de Mendonça Meceli; (d) *As testemunhas de Jeová: estudos da dimensão espacial Ilha do Governador*,

de Neusa Amaro de Oliveira (RJ); (e) *Espaço sagrado da Penha: trezentos sessenta e três anos de religiosidade popular no Santuário Mariano de Nossa Senhora da Penha de França*, de Simone Maria Himmelspach Ribeiro; (f) *O poder econômico e territorial dos jesuítas no Brasil Colônia: Rio de Janeiro do século XVII ao século XVIII*, de Adriana de Carvalho Costa.

Em 1999, Simone Nunes Moreira escreveu *Territorialidade leiga no Rio de Janeiro: Irmandade Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos*.

Os estudos abordam a questão do sagrado em três dimensões significativas: a econômica, a política e a do lugar. Em todas há a preocupação de focalizar a religião em suas expressões materiais e simbólicas, decodificando as marcas do sagrado no espaço.

Para concluir, uma estratégia de divulgar a geografia cultural no Brasil e simultaneamente, criar uma sólida base teórica foi traduzir e publicar importantes textos. Trata-se de prática corrente nas outras ciências sociais, sendo pouco expressiva na geografia. Nesse sentido, o periódico *Espaço e Cultura* e a coleção Geografia Cultural traduziram e publicaram, entre outros, textos de Carl Sauer, Philip Wagner, Marvin Mikesell, Donald Meinig e Daniel Gade, todos vinculados à geografia cultural tradicional; Denis Cosgrove, James Duncan, Peter Jackson e Don Mitchell, todos geógrafos de língua inglesa vinculados à geografia cultural renovada; Max Sörre, Paul Claval, Jean Gallais, Jöel Bonnemaïson e Marc Brosseau, de língua francesa. Essa estratégia surtiu efeitos visíveis nas publicações

de geógrafos brasileiros. Deve prosseguir a despeito do trabalho e dos custos elevados.

Ao celebrar, em 2008, os 15 anos de atividades no NEPEC, a produção acadêmica do conhecimento científico em geografia cultural foi investigada em seu local. Demandas e anseios enraizavam esse conhecimento no seu lugar de debates. Se a geografia está em toda parte (Cosgrove, 1998), a geografia cultural converge e se difunde no NEPEC.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. “Geografia cultural e geógrafos culturalistas: uma leitura francesa”. *GEOSUL*, n. 8, pp. 40-63, 1993.
- BARNES, T. J. “Placing ideas: genius loci, heterotopia and geography’s quantitative revolution”. *Progress in Human Geography*, v. 28, n. 5, pp. 565-95, 2004.
- BÜTTNER, M. et al. “Zur Geschichte und Systematik der Religionsgeographie”. *Geographia Religionum*. Berlim: Dietrich Reimer Verlag, 1985, v. 1, pp. 13-122.
- CAPEL, H. *Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea*. Barcelona: Barcanova, 1981.
- CLAVAL, P. “Contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia”. In CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia cultural: um século*, n. 3. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

- COSGROVE, D. “A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas”. In CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- e JACKSON, P. “Novos rumos da geografia cultural”. In CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DINIZ FILHO, L. L. “O Monumento dos Bandeirantes: um estudo crítico sobre as relações entre espaço, cultura e política”. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 71, pp. 65-82, 1992.
- DUNCAN, J. “Após a Guerra Civil: reconstruindo a geografia cultural como heterotopia”. In CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia cultural: um século*, n. 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.
- ELIADE, M. “L’espace sacré: centre du monde”. *Traité d’histoire des religions*. Paris: Payot, 1959, pp. 314-29.
- . *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1962.
- . *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GEERTZ, C. J. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 224 p.
- GOMES, P. C. C. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HOEFLE, S. W. “Cultura na história do pensamento científico”. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia*, n. 2, pp. 6-29, UFRJ, 1998.

- ISAAC, E. "Religion, landscape and space". *Landscape*, v. 9, n. 4, pp. 14-8, Califórnia, 1959-60.
- JACKSON, P. *Maps of meaning*. Londres: Routledge, 1989.
- LAMEGO, M. "A territorialidade da Igreja Católica em Minas Gerais". *Espaço e Cultura*, n. 17/18, pp. 119-27, 2004.
- LIVINGSTONE, D. N. *The geographical tradition*. Oxford: Blackwell, 1992.
- MAUSS, M. *Marcel Mauss*. São Paulo: Ática, 1979.
- MYERS, G. A. et al. "Cultural geography". In GAILE, G. L. e WILLMOTT, C. J. (orgs.). *Geography in America at the dawn of 21st Century*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- ROSENDAHL, Z. *Porto das Caixas: espaço sagrado da Baixada Fluminense* (tese). Universidade de São Paulo, 1994.
- . *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. 92 p.
- . "NEPEC: lugar onde fluem as ideias e se escreve sobre elas". *Espaço e Cultura*, n. 33, pp. 13-26, jan.-jun. 2013.
- TUAN, Y.-F. "Sacred space. Exploration of an idea". In BUTZER, K. *Dimensions of human geography*. Chicago: Universidade de Chicago, 1978, pp. 615-32.
- WILLIAMS, R. "Base e superestrutura na teoria cultural marxista". *Espaço e Cultura*, n. 14, pp. 7-21, 2003.